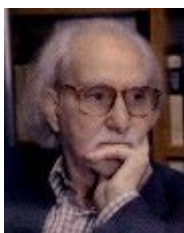


## «Tribuna do Vate»



**José Egito de Oliveira Gonçalves** (Matosinhos, 8 de Abril de 1920 — Porto, 29 de Janeiro de 2001), mais conhecido por **Egito Gonçalves**, foi um poeta, editor e tradutor.

A sua intensa actividade de divulgação cultural e literária concretizou-se, a partir dos anos 50, na fundação e/ou direcção de diversas revistas literárias, como *A Serpente* (1951), *Arvore* (1952-54), *Notícias do Bloqueio* (1957-61), *Plano* (1965-68, publicada pelo Cineclube do Porto) e *Limiar*. Em 1977 foi-lhe atribuído o Prémio de Tradução Calouste Gulbenkian, da Academia das Ciências de Lisboa pela selecção de *Poemas da Resistência Chilena* e, em 1985, recebeu o Prémio Internacional Nicola Vapztarov, da União de Escritores Búlgaros.

Em 1995 obteve o Prémio de Poesia do Pen Clube, o Prémio Eça de Queirós e o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores com o livro *E No Entanto Move-se*. A sua obra encontra-se traduzida em francês, polaco, búlgaro, inglês, turco, romeno, catalão e castelhano.

Publicou os primeiros livros na década de 1950. Teve como actividade profissional a administração de uma editora. Faleceu em 2001, e o seu último livro, *Entre Mim e a Minha Morte Há Ainda um Copo de Crepúsculo*, foi editado cinco anos depois.

### Obras Publicas:

1950- Poema Para os Companheiros da Ilha, colecção Cítara; 1950 - Um Homem na Neblina, colecção Cítara - 1952- A Evasão Possível, colecção Cadernos das Nove Musas, desenho de Fernando Lanhas - 1957- O Vagabundo Decegado, edição Notícias do Bloqueio - 1958- A Viagem com o Teu Rosto, edição Europa-América, colecção Cancioneiro Geral - 1960- Memória de Setembro, edição Notícias do Bloqueio - 1962 - Diário Obsessivo, edição do autor, fora do mercado, desenho de Relógio - 1963- Os Arquivos do Silêncio, edição Portugalia, colecção Poetas de Hoje - 1970- O Fósforo na Palha seguido de O Sistema Interrogativo e outros poemas, edição Dom Quixote, colecção Cadernos de Poesia - 1971- O Amor Desagua em Delta, edição Inova, colecção Coroa da Terra - 1972- Meditação em Catarina, poster - 1972- Sonhar a Terra Livre e Insubmissa, com Luís Veiga Leitão e Papiniano Carlos, edição Inova, colecção Duas Horas de Leitura 1973- Destruição: Dois Pontos, edição Inova, colecção Índicios de Ouro, guaches de Amândio Alves - 1975- Luz Vegetal, edição Limiar - 1977- As Zonas Quentes do Inverno, edição Inova, colecção O Ouro do Dia, desenho de José Rodrigues - 1979- A Nordeste de Junho, edição Inova, colecção O Ouro do Dia, desenho de Amadeu de Souza Cardoso - 1980- Poemas Políticos, edição Moraes, colecção Círculo de Poesia, prefácio de Maria da Glória Padrão ... De 1981 até 2006 são acrescentadas, mais de uma dezena...

### O TEU NOME É UM VOCÁBULO

O teu nome é um vocábulo  
de amor, uma carícia  
que a língua desenvolve.  
Não o posso pronunciar  
em voz alta  
quando não estou só. As  
respirações alheias  
corrompem: poderia  
dissolver-se no vento,  
fragmentar-se  
perder  
o seu mistério indecifrável,  
desviar  
a flecha do seu alvo.  
Pronuncio-o eliminando  
o som, das duas sílabas  
que rolam no meu corpo,  
abrem os poros e,  
pelos olhos,  
enviam a mensagem necessária  
ao suporte de Outubro.  
Tudo canta, rodeando o silêncio,  
a ligeira brisa que perfuma  
as letras  
quando passas a porta  
e o teu sorriso doce  
avança para mim  
A garganta abre-se,  
as sílabas esvoaçam, transformam  
o espaço em música,  
os acordes da água:  
o meu corpo é agora um piano  
onde a alegria abre  
a felicidade, as suas asas.

Egito Gonçalves

### Palavras

Com palavras me ergo em cada dia!  
Com palavras lavo, nas manhãs, o rosto  
e saio para a rua.  
Com palavras - inaudíveis - grito  
para rasgar os risos que nos cercam.  
Ah!, de palavras estamos todos cheios.  
Possuímos arquivos, sabemos-las de cor  
em quatro ou cinco línguas.  
Tomamo-las à noite em comprimidos  
para dormir o cansaço.  
As palavras embrulham-se na língua.  
As mais puras transformam-se, violáceas,  
roxas de silêncio. De que servem  
asfixiadas em saliva, prisioneiras?  
Possuímos, das palavras, as mais belas;  
as que seivam o amor, a liberdade...  
Engulo-as perguntando-me se um dia  
as poderei navegar; se alguma vez  
dilatarei o pulmão que as encerra.  
Atravessa-nos um rio de palavras:  
Com elas eu me deito, me levanto,  
e faltam-me palavras para contar...

*Égito Gonçalves* (1922-2001)



### Os Vegetantes

Continuam aqui  
roendo as unhas  
Substituem as unhas por poemas  
(ou cafés, futebol, anedotário)  
e estilham espelhos que na luz  
ao seu devolvem a cruel imagem  
Vidrado limo o rosto  
de rugas sem memória  
assistem à vida como um filme:  
disparar sobre a tela é proibido  
e além do mais inútil.  
Curvam ao solo os ombros  
escorjados; curvam-nos para  
duradouras urtigas, seixos  
sem horizontes, epitáfios  
de lama, dezembros, poeira fria  
Se chovem as esperanças não acorrem  
a apanhá-las na boca ao ar aberto.  
Tijolo articulado a língua balbucia  
"É a vida!". Sementes violadas  
não germinam  
Em vão os bombardeiros os oráculos  
com agulhas de sangue.  
Nada tentam  
para vida à fala que utilizam,  
ao país do cansaço que entre dentes  
ressaca.  
E fazem do amor essa triste humidade,  
um delíquio formal logo amortalhado  
São docéis, cibernéticos,  
dia a dia premiados  
de alguns gramas a mais  
no chumbo do pescoço.

Egito Gonçalves